

# PEDAGOGIA DE PROXIMIDADE (À DISTÂNCIA)

Maria José Camacho<sup>1</sup> & Sónia Augusta<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Centro de Investigação em Educação, Universidade da Madeira, Portugal. mjjcamacho@staff.uma.pt

<sup>2</sup>Infantário Patronato de S. Pedro, Secretaria Regional de Educação e Cultura, Portugal. augustasonia8@gmail.com

## Introdução

A terrível pandemia provocada pela COVID-19 invadiu as nossas vidas, de modo rápido e brutal e colocou-nos, a todos, perante o medo e a incerteza das consequências desconhecidas que se iriam seguir. Se, para os adultos, os dilemas em ordem à sobrevivência, se revelaram arrasadores, na tentativa de encontrar modos alternativos para os quotidianos estabelecidos, nas escolhas para não desesperar e trilhar caminhos novos para enfrentar as vicissitudes da estupefação e do desconforto, imaginemos as crianças que, sem compreenderem o motivo para tal, se viram impedidas de prosseguir experiências entre pares, nos diferentes cenários de aprendizagem, de frequência e de sentimentos de pertença e de inclusão, a que estavam habituadas. Entre o deixar-se soçobrar perante a adversidade e o dever de reagir para a vencer, muitos educadores muniram-se de proatividade para (re)aproximar famílias e crianças dos projetos educativos e das suas comunidades de aprendizagem.

O presente artigo pretende refletir criticamente acerca dos efeitos que o período de isolamento provocou junto dos alunos, afastados dos estabelecimentos de educação. Para tal, recolhemos e sistematizámos testemunhos e vivências, acerca do modo como uma educadora de infância dirigiu as atividades, a partir da sua casa, para o seu grupo de educandos, ocupando um tempo útil reatando a esperança em dias melhores e rompendo o isolamento a que famílias e crianças estavam votadas.

O vírus SARS-CoV-2, originariamente detetado na China e que, de modo acelerado, atingiu o Mundo com uma pandemia destruidora, intensificou

enormemente a noção da dimensão e projeção da rede planetária que envolve e determina a existência, as relações e o progresso ou o retrocesso da Humanidade. As sociedades mundiviventes, imersas em estupefação, viram cair por terra dados anteriormente instituídos como adquiridos, convênios firmados, conjunturas previsíveis, circunstâncias pertinentes. As assimetrias de informação, as ameaças e a efetivação da perda de autonomia desregularam e interromperam rotinas, aspirações, projetos e sonhos. De um dia para o outro, países com mais ou menos casos, com propagação mais lenta ou mais rápida, pouco a pouco, todos foram atingidos e todos foram postos à prova. De acordo com possibilidades, poder económico e político, estilo de liderança e geografia, todos esgrimiram esforços para ultrapassar os efeitos nefastos, para mitigar o número de casos, para sobreviver à ameaças da contaminação, da escassez de recursos humanos e materiais, em todos os sectores da sociedade.

Enquanto cidadãos, vimos as nossas referências serem abaladas, assistimos ao derrubar dos nossos pressupostos, confrontámo-nos com o adiamento de expectativas, questionámos probabilidades efêmeras e circunstanciais, que antes equacionámos como viáveis, sentimo-nos desnudados da harmonia existencial que pensávamos ter alcançado. Com as fronteiras físicas fechadas, e depois de muito duvidar, tivemos que nos transformar, tivemos que indagar, tivemos que procurar, tivemos que equacionar alternativas, tivemos que avançar e voltar a olhar o mundo com outros olhos.

Piaget (s/d) afirma que *“L'intelligence ce n'est pas ce que l'on sait, mais ce que l'on fait quand on ne sait pas”*. Por conseguinte, quando nos obrigaram à condição de clausura, divididos entre o ideal e o possível, reagimos e perscrutámos competências e capacidades, reinventámos modos de fazer, ressignificámos saberes e conhecimentos, deitámos mão a simplicidades esquecidas, reciclámos artefactos abandonados e reunificámos o anseio e razão nuclear do nosso existir: a preservação da condição humana, em relação e harmonia com o mundo e com os outros. Regressámos ao âmago da existência, privilegiámos a gestão de bens essenciais, aproveitámos ocasiões, otimizámos e administrámos o tempo, na tentativa de superar o longo, silencioso, despretensioso e incisivo vazio.

De repente, a trajetória de vida interrompeu-se para dar lugar a uma incessante busca de sentido, numa espiral que se inverteu e remeteu ao sentido da interioridade. O microespaço adensou-se em significado profícuo e relativizou a macrogeografia: procurámos à nossa volta aquilo que o longínquo nos retirava, expandimos memórias, reatribuímos significado e va-

lor ao exíguo de outrora e estreitámos laços com pujante intensidade. Aqui chegados e felizes, apesar de tudo, porque nos encontramos na condição de sobreviventes de um período negro que a todos marcou, indiscutivelmente, sob diferentes ângulos e dimensões, é tempo de reconciliar e voltar o olhar para aquelas que foram as práticas pedagógicas, abraçadas e elencadas para que o ato educativo prosseguisse e estabelecesse as suas metas, desempenhos, linhas de ação, de interação, de trocas, de saberes, de afinidades e de proximidades.

## Como transpor a distância em tempo de pandemia?

Na sua argumentação, relativa à implicação do ser humano do decurso da história, Paulo Freire afirma que:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas. (Freire, 1967, p. 43)

Imbuídos do pensamento do autor e no intuito de prosseguindo com a linha de pensamento que elencámos anteriormente, pretendemos apresentar, registar, retratar e refletir acerca de um caso prático, revelador de uma genuína pedagogia de proximidade.

Fazemo-lo, não só pelo continuum de atividades que constatámos terem sido realizadas à distância e protagonizadas por uma Educadora de Infância que manteve contacto diário com o seu grupo de crianças, de nível pré-escolar mas, sobretudo pelas propostas inovadoras, criativas e apelativas que desencadearam o envolvimento holístico das crianças e das suas famílias, em atividades promotoras e incentivadoras de interação, de descobrir-

ta, de desenvolvimento, de bem-estar e de reciprocidade, porque mediadas por imagens e materiais apelativos, que convidavam à exploração criativa e entusiasmada.

Em cada manhã, em horário combinado com as famílias, a Educadora dava início à reunião, através da plataforma digital, reatando o seu compromisso pedagógico e relacional.

No seu papel de orquestrar e conduzir, validar e entusiasmar, estimular e desafiar, podemos afirmar que todas as dimensões inerentes à intencionalidade e pressupostos educativos para a educação de infância estiveram presentes: da comunicação ao raciocínio, das expressões artísticas à motricidade, do simbólico ao real, aconteceu pedagogia, aconteceu significado, aconteceu vida, pois as estratégias concebidas e desenvolvidas minimizaram os efeitos do isolamento e estabeleceram pontes de proximidade e de confiança, no reiterar e estreitar os laços entre a comunidade de aprendizagem, as crianças e as suas famílias.

A materialização das atividades começava, normalmente, com um fantoche colorido a entoar a canção dos bons-dias, que se constituía em motivação para o prazer do reencontro que, embora virtual, permitia o visionamento dos rostos e dos sorrisos e ia desencadeando e fazendo fluir a interação, tão apetecida e saudável, nestas trocas com os mais novinhos.

Para a área do conhecimento do mundo, foram partilhados elementos ligados à natureza e aos processos relativos à compreensão dos seus diversificados fenómenos. O desenvolvimento motor foi trabalhado no apelo à manipulação de objetos do quotidiano, aliado à exploração visuomotora e espacial dos ambientes circundantes.

A comunicação/linguagem/educação artística desenvolveram-se a partir de canções, lengalengas e trava-línguas, associadas às épocas e aos temas desenvolvidos. O desenvolvimento sensorial e o desenvolvimento cognitivo assentaram numa multiplicidade de desafios e de tarefas tendo por base objetos, imagens, rotinas e funcionalidades associadas aos mesmos. Variadas, coloridas e interpelantes foram as histórias, apresentadas através de diferentes modalidades estratégicas, à mistura com a variação de cenários, materiais e dinâmicas. Na abordagem a clássicas e a modernas obras de literatura para a infância, houve de tudo um pouco para manter o suspense e atizar o imaginário: livros, sombras chinesas, dramatizações, faz de conta, conto e reconto. Também as canções, ajustadas às épocas festivas e às áreas de conteúdo a desenvolver ou aliadas às rotinas do quotidiano, estiveram sempre presentes, cumprindo o objetivo de desenvolver e aprimorar a me-

mória auditiva, o ritmo, a melodia, a comunicação e o pensamento, para além de animarem os corações, em dias estranhos como eram aqueles.

Para a estimulação psicomotora e, respeitando a faixa etária das crianças, as atividades manipulativas eram apresentadas, explicadas e realizadas, em simultâneo, a partir da exploração e aproveitamento de materiais que as famílias tinham em casa, corroborando o expresso nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, onde é defendido que o facto da criança dominar noções de tempo e espaço o habilita para uma apropriação inter-relacional com o mundo e com os outros.

Deste modo, para além do protagonismo que esteve reservado às crianças, outros elementos da família também se implicaram nas tarefas, de modo colaborativo, intensificando a gestão e ocupação do tempo, a qualidade de permanência nas atividades, bem como o nível de aquisições, permitindo, portanto, às crianças, o desencadear e o facilitar das aprendizagens, potenciadoras de autonomia e de aprendizagem.

Para ilustrar melhor esta nossa exposição, apresentamos as vozes de duas mães que, quando questionadas acerca do processo experienciado, no período de isolamento, conscientes dos benefícios e impacto da intervenção oriundos da presença assídua e dos momentos vividos (à distância) com a Educadora dos seus filhos, referiram:

Nem nos sonhos alguém imaginava o surgimento de uma Pandemia que pudesse provocar a paralisação do Planeta. Foi no início de março de 2020 que o vírus aterrou em Portugal. Um vírus mortal, desconhecido, sem protocolos estabelecidos e eficazes de tratamento e a procura ansiosa por uma vacina eficaz que faltava ao seu combate. Os estabelecimentos de ensino encerrados fecharam em casa os alunos e os professores (...) encarregados de educação e professores tentaram encontrar formas, com recurso a novas tecnologias, de preencher a falta da escola, das brincadeiras e da socialização que tanto nos caracteriza. Estávamos com grande receio do desconhecido. Com a L. S., a minha filha, realizámos brincadeiras, criámos atividades, no sentido de contribuir ativamente para o seu desenvolvimento. Tentámos reinventar-nos, atenuar a falta dos colegas com o contributo da Educadora S. que desempenhou, mesmo afastada fisicamente, um papel fundamental no combate ao isolamento. Criámos diferentes brincadeiras, pintámos, realizámos trabalhos com plasticina e diversos outros materiais, tivemos momentos de leitura e fomentámos a imaginação, construámos puzzles e sonhos. Ela-

borámos vídeos das diferentes atividades e partilhámo-los com a Educadora S. Trocámos ideias, melhorámos processos e todos os dias tentávamos inovar, combatendo a rotina e o isolamento (...) (M1)

Foi uma nova experiência, numa altura difícil, mas, mesmo via web, tivemos todo o apoio de que precisávamos. Com as propostas da Educadora S. o meu filho continuou com a sua rotina como se estivesse na escola em contacto com a Educadora. As atividades foram 5 estrelas, os vídeos com as atividades era das coisas que ele mais gostava de ver (...) o bom-dia (...) educadora como esta, nunca houve e agradeço todo o percurso, o acompanhamento que o meu filho teve (...) (M2)

## Conclusão

Morin (2000) refere-se à incerteza como dimensão histórica suscetível de atingir, de modo transversal, as sociedades e também a regista enquanto circunstância inerente às histórias de vida de cada um de nós. Corroborando o pensamento do autor supracitado, estamos convictos de que a Pandemia da COVID-19 não só acelerou, como agudizou em nós esta dimensão, na medida em que a mesma nos chegou de modo inesperado, imprevisível e extremado, empurrando-nos para um isolamento intramuros, envolto em medos, angústias e questionamentos, nunca antes experienciados. De repente, encontrámo-nos perante a imperiosa necessidade de repensar uma organização social que priorizasse os aspetos fundamentais do bem comum.

No campo da educação, dada a sua singularidade, foi determinante o modo como professores e alunos, independentemente das circunstâncias, derrubaram as barreiras do isolamento para que o ato educativo prosseguisse e cumprisse (pelo menos em grande parte) o seu objetivo. Consequentemente, foi nesta condição que, vencendo a letargia e contrariando a desesperança, vimos muitos docentes deitarem mãos às competências e aos saberes acumulados para responderem ao desafio de permanecer serenos e atuantes, junto dos alunos em processo de aprendizagem, indo ao encontro daquilo que Piaget interpretava relativamente à aprendizagem significativa: “*Comprendre c’est inventer*” (Piaget, 1972, p. 24).

Neste sentido, conscientes do valor e da intensidade das trocas vivenciadas, aliadas ao registo da experiência real em que, como não podia deixar

de ser enquadrámos o testemunho de duas mães, revelador do entusiasmo quanto ao processo vivido, acreditamos que, mesmo nas circunstâncias mais adversas da vida, enquanto pedagogos, saberemos, com proatividade, levar a bom porto o navio da educação, cumprindo o seu nobre propósito: que todas as pessoas tenham direito e acesso à mesma para que a Humanidade rume em direção ao progresso, à solidariedade e à harmonia.

## Referências bibliográficas

Freire, P. (1967). *Educação como prática de liberdade*. Paz e Terra.

Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*. UNESCO Brasil.

Piaget, J. (1972). *Ou va l'education*. Denoël/Gonthier.